

# A bandeira de todas as cores



Dr. Walter da Silva Jorge João, presidente do CFF

Dezesseis de dezembro de 2011. Quinze dos 27 membros que compõem o Plenário do Conselho Federal de Farmácia (CFF) elegem-me Presidente; e os Drs. Valmir de Santi, Vice-Presidente; José Vílmor Silva Lopes Júnior, Diretor Secretário-Geral; e João Samuel de Moraes Meira, Diretor Tesoureiro da Instituição. Inicia-se, ali, um diferente ciclo dentro da história do CFF que, pretendemos, seja marcado, não por pensamentos, propostas e ações postos verticalmente, de cima para baixo, nem individuais de nenhum de nós quatro empossados diretores da Casa, mas por um vasto e inédito arco de entendimentos com todas as lideranças farmacêuticas brasileiras dirigentes de entidades do setor.

Dia 16 de dezembro: a gestão do Conselho Federal de Farmácia começa a somar cores e matizes de todas as bandeiras farmacêuticas para construir uma bandeira única, que traduza o espírito que anima esta diretoria: a união.

Quando oficializamos as nossas candidaturas a diretores do CFF, trazíamos, no mais fundo dos nossos corações, duas convicções. A primeira era a de que o Conselho, Casa de todos os farmacêuticos e força motriz para a geração de ações em favor da saúde pública e do fortalecimento da Profissão, estava sofrendo um acentuado processo de desoxigenação.

A segunda convicção era a de que a profissão farmacêutica, bela, grandiosa, promissora e futurista, é muito maior que diferenças ideológicas, políticas e culturais.

Ainda assim, estava cerceada por fronteiras que a impediam de avançar, exatamente quando ela mais vem mostrando pujança e envergadura.

Para o primeiro problema, o remédio é o oxigênio. E ele vem exatamente de onde, por anos, era o deserto do isolamento institucional. O oxigênio a que me refiro está no diálogo amplo e irrestrito, que estamos promovendo junto a todas as instituições farmacêuticas (Conselhos Regionais de Farmácia, sindicatos, organizações técnico-científicas, entidades acadêmicas que abrigam professores e estudantes de Farmácia) e de outras profissões da saúde, com autoridades sanitárias do Governo, parlamentares e magistrados. A prática do diálogo traz desdobramentos transformadores. O diálogo que buscamos não é estanque, mas gira em torno de uma agenda propositiva de ações para fortalecer a profissão.

Já nos reunimos com praticamente todos os que ocupam posições dianteiras nas instituições farmacêuticas, e as manifestações de apoio ao nosso trabalho são comoventes e engrandecedoras, e nos mostram o tamanho de nossa responsabilidade à frente do CFF.

Também, temos recebido apoio dos vários parlamentares com os quais já conversamos. A todos deixamos clara a nossa disposição em responder todos os projetos de lei que sejam do interesse da saúde e da profissão, com vistas a que sejam aprovados nas duas casas legislativas.

Quanto ao segundo problema, estamos conjuntamente formando o maior e mais possível *arsenal terapêutico* que possa, urgentemente, tirar a Farmácia do inanismo em que se encontra. Não podemos mais aceitar, por exemplo, o desempenho de papéis secundários nas equipes multiprofissionais de saúde de estabelecimentos particulares e naqueles do próprio Governo.

A Farmácia é grande e quer crescer. E há um enorme espaço para o crescimento. O Sistema Único de Saúde (SUS) é um deles. Aliás, sanitaristas vêm afirmando ser impossível se pensar em reformas no Sistema, em criação de um novo e necessário

Dr. Walter da Silva Jorge João,  
Presidente do Conselho Federal de Farmácia  
E-mail walterjoão@hotmail.com

modelo para o mesmo, se no contexto das reformas o farmacêutico não estiver atuando, clinicamente.

Neste sentido, o CFF acaba de ser escolhido, junto a outras instituições farmacêuticas, para integrar o Grupo de Trabalho que irá estabelecer diretrizes que nortearão a construção do novo modelo de organização do SUS que inclui as Redes de Assistência à Saúde, graças à Portaria Conjunta número 1, de 12 de março de 2012.

De sorte que o profissional está diante de uma quantidade enorme de novos desafios, entre os quais o de resgatar ao farmacêutico aquilo que, por conhecimento, é dele: indicar o uso correto de medicamentos isentos de prescrição (MIPs), dentro das farmácias e drogarias. Indicar MIPs à população é oferecer-lhe qualidade de vida e saúde. Este é um serviço que integra o contexto da assistência farmacêutica, um conjunto de atribuições que, por lei e por conhecimento, é indelegável e exclusivo do farmacêutico. Não podemos esquecer, porém, que a consecução desses objetivos exige de nós a busca permanente pela melhoria da nossa qualificação profissional.

A farmácia é um espaço sagrado do farmacêutico. É onde ele transcende a própria relação de emprego que o une ao estabelecimento para assumir a sua missão de profissional da saúde, comprometido com o bem-estar dos pacientes. É onde ele, como autoridade máxima em medicamentos, orienta o uso correto desses produtos, sempre na expectativa de promover o seu uso racional. O compromisso do farmacêutico é com a saúde do paciente, com o cumprimento da ética profissional.

Nós estamos encomendando uma vasta pesquisa que revelará o que os farmacêuticos, os demais profissionais da saúde, as autoridades dos três Poderes e a população acham da profissão farmacêutica e do CFF. A pesquisa irá nos auxiliar a escolher rumos. Mas, sejam quais forem eles, nós caminharemos juntos, aliados a todas as entidades, instituições e lideranças farmacêuticas do Brasil. Assim é que venceremos.